

SUJEITO, ENUNCIADO E SENTIDO. APROXIMAÇÕES DA ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE E DUCROT

Juliano Sippel

*Doutorando em Língua Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa.
Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Paraná.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9719-1143>.
E-mail: sippeljuliano@gmail.com.*

RESUMO: Neste texto, proponho uma aproximação entre a *teoria da enunciação* de Benveniste e a *teoria da argumentação na língua* de Ducrot. Para estabelecer tal relação, faço uma síntese das principais características e do percurso teórico de ambos os linguistas, além de rever na literatura disponível trabalhos que já se debruçaram sobre essa associação. Focalizo, na sequência, a comparação entre duas construções teóricas: *nível semiótico* e *semântico* de Benveniste e *componentes linguístico* e *retórico* de Ducrot.

PALAVRAS - CHAVE: Enunciação. Sujeito. Subjetividade. Argumentação.

ABSTRACT: In this text, I propose an approximation between Benveniste's *enunciation theory* and Ducrot's *theory of argumentation*. For this, I make a synthesis of the main characteristics and the theoretical path of both linguists, in addition to reviewing the available literature on works that have already focused on this association. Next, I focus on the comparison between two theoretical constructions: Benveniste's *semiotic* and *semantic level* and Ducrot's *linguistic* and *rhetorical components*.

KEYWORDS: Enunciation. Subject. Subjectivity. Argumentation.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, pretendo estabelecer uma aproximação entre as teorias enunciativas de Émile Benveniste e Oswald Ducrot. Para cumprir esse objetivo, farei um breve percurso, visando contemplar a construção da *teoria da enunciação* de Benveniste (1958; 1964; 1965; 1966; 1969; 1970; 2014) e a *teoria da argumentação na língua* de Ducrot (1975; 1987; 1988; 2005; 2009; CAMPOS, 2007; GUIMARÃES, 2015; OLIMPIO, 2010).

Após rever e apresentar os principais conceitos, aproximarei as teorias, confrontando a forma como Benveniste e Ducrot estudam fatos da língua separando-a em dois planos distintos. Procederei também com uma análise documental de alguns trabalhos que já trataram de aproximar os linguistas (BARBISAN, 2006; D'ÁVILA, 2004).

Sabendo que tanto a teoria de Benveniste quanto a de Ducrot partem da abordagem estruturalista, não deixarei de revisitar conceitos básicos do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure (2017).

1 O PERCURSO DE BENVENISTE NA CONSTRUÇÃO DA TEORIA DE ENUNCIÇÃO

Para traçar uma síntese do caminho percorrido por Émile Benveniste na construção de sua *teoria da enunciação*, não pretendo escrever sobre seus textos em ordem cronológica de produção, mas resumir suas principais reflexões - sobretudo em torno da especificação de níveis de análise linguística - até chegar ao aparelho formal da enunciação.

Partindo do estruturalismo saussuriano, Benveniste, em *Os níveis da análise linguística* (1964: 127), reconhece a língua “como um sistema orgânico de signos linguísticos”, que necessita a determinação de níveis para gerar procedimentos de análises, como a separação de traços distintivos nos fonemas, que são observáveis por procedimentos de segmentação e substituição. Já nesse nível de análise, Benveniste (1964: 130) reconhece que o *sentido* é condição fundamental e superior ao qual “todos os níveis devem preencher para obter status linguístico”. Uma unidade adquire valor¹ na medida em que integra outras unidades linguísticas.

¹ A noção de valor, bem como a de língua como sistema que pode ser decomposto em diferentes níveis de análise, permite dizer que Benveniste parte do estruturalismo saussuriano para construir sua teoria da enunciação. O conceito de valor é fundamental para a concepção saussuriana de língua como sistema; para conceituar o signo linguístico, Saussure (2017) utiliza tal noção ao dizer que um signo adquire valor na medida em que pode ser trocado por signo dessemelhante (valor por oposição) ou comparado com semelhante (valor por comparação).

Acredito ser importante situar essa reflexão como ponto de partida para traçar um panorama sobre a enunciação, pois é a partir desse *status* atribuído ao sentido que Benveniste opta pela escolha da frase como objeto de estudo na construção de sua teoria. A frase, para o autor, possui sentido e referência somente ao adquirir valor em um discurso, isto é, ao ser enunciada por alguém, para alguém em um tempo e espaço específicos.

Entretanto, a preocupação do linguista em definir o enunciado já aparece em *Linguagem e experiência humana* (1965). Nesse texto, Benveniste observa que as línguas possuem categorias de expressão que parecem corresponder a modelos constantes e aparecem na produção do discurso. Surgem assim as categorias de *pessoa* e de *tempo*. Dessas categorias, a que mais interessa nesse momento é a de *pessoa*², pois é a partir dela que os sujeitos podem expressar sua subjetividade, apropriando-se do lugar instaurado e aberto pelo *eu* no momento da enunciação. A noção de enunciado assume a dimensão de ato sempre novo, porque “realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo de tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos” (1965: 68). Outra noção importante é a de *atualização*, na medida em que ocupar o lugar aberto pela posição linguística *eu*, é uma forma de atualizar a experiência do enunciado; ao dizer *eu* o enunciador assume a posição de sujeito por sua própria conta e como centro de referência no sistema de coordenadas espaciais e temporais que se referem em torno de sua enunciação.

Em *Da subjetividade na linguagem* (1958), Benveniste já trazia essa reflexão da atualização ao dar à linguagem o papel de atualização da palavra e dizer que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (1958: 286). A subjetividade que Benveniste pretende tratar é “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (1958: 286), além de observar que a categoria de *pessoa* é a propriedade fundamental da linguagem e fundamento de sua subjetividade, sendo possível porque um locutor se apresenta como sujeito.

Ao referir a categoria de *pessoa* nesse texto, Benveniste afirma que a cons-

² Apesar de merecer destaque na teoria da enunciação, a categoria *tempo* não será detalhada neste trabalho, pois meu foco de aproximação entre Benveniste e Ducrot se dará em torno da noção de sujeito e de enunciado. Entretanto, Benveniste discorre sobre a categoria de tempo e reflete sobre a noção do tempo presente como reinventado a cada enunciado porque é um “momento novo, ainda não vivido” (1965: 75). Essa reflexão se articula com a noção de atualização do enunciado a cada novo momento em que um enunciador pronuncia *eu*.

ciência de si como sujeito só é possível pelo contraste³, isto é, *eu* só existe em relação a *tu*, bem como *tu* existe em relação a *eu*. Em suas palavras: “*ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro” (1958: 286). Essa é uma *correlação de subjetividade*, pois basta que *tu* diga *eu* para que essas posições de subjetividade assumidas no momento da enunciação se invertam. Além disso, o autor nos mostra que, pela ótica do discurso, as noções de linguagem podem aparecer de forma diferente. Tal ótica é a que faz Benveniste afirmar que a terceira pessoa *ele* “não remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação” (1958: 292). Há aqui uma *correlação de personalidade* na qual *ele* é privado da categoria de pessoa, em oposição a *eu* e *tu*, que possuem tal marca e são atualizados sempre que apropriados pelo locutor, ao serem pronunciados em seu discurso.

Após definir e atribuir funções à categoria de pessoa no discurso presentes em Benveniste, retomo as reflexões sobre sentido agora em *A forma e o sentido na linguagem* (1966). Nesse texto, o linguista reflete sobre a linguagem comum e observa que o propósito da fala é o de organizar o sentido e a forma:

o sentido é noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico [...], ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante.

Benveniste (1966: 22)

Forma e sentido são a substância da linguagem para Benveniste e operam em dois níveis: a primeira, no nível *semiótico*; a segunda, no *semântico*. Essas duas categorias no plano da frase - plano que interessa ao linguista - remetem ao fato de que o sentido “está na totalidade da ideia percebida por uma compreensão global; a ‘forma’ se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras” (1966: 232).

Pode-se observar que Benveniste, já tendo refletido sobre o papel do enunciador ao expressar sua subjetividade na linguagem, volta-se novamente à apreensão da produção de sentido na língua. Em *Semiologia da língua* (1969),

³Novamente podemos estabelecer uma relação com o estruturalismo saussuriano; devemos lembrar que, para Saussure (2017), o signo linguístico define-se também por aquilo que ele não é, ou seja, pela oposição ou contraste a outro signo linguístico.

o linguista mais uma vez parte das reflexões de Saussure - e de sua busca pelo princípio de unicidade da linguagem - para afirmar a necessidade de “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (1969: 48), a *semiologia*.

Sabendo que o valor de um signo é definido no sistema que o integra, Benveniste retoma a noção da semiologia como sendo uma ciência cujo objeto é o conjunto de sistemas fundados a partir do caráter arbitrário do signo. *Oposição, valor e arbitrariedade* dizem respeito às características semióticas do signo, ou seja, na identificação de suas unidades e de marcas de distinção; por sua vez, engendrado pelo discurso, o signo adquire valor semântico: “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” (1969: 66, destaques do autor). Ao afirmar que “a significação é, na língua, organizada em dois níveis” (2014: 122), Benveniste reafirma a necessidade de se desenvolver uma ciência que se ocupe do domínio semântico do signo⁴.

Finalmente, em *O aparelho formal da enunciação* (1970), Benveniste condensa as reflexões que vim detalhando para explicar de que maneira os falantes se apropriam do conjunto de formas da língua para articulá-lo no enunciado.

A *forma* que já havia sido definida por Benveniste (1966) como o arranjo formal dos elementos linguísticos no enunciado, agora passa a ser definida como um conjunto de regras que fixa as condições sintáticas pertencentes a um paradigma de escolhas. O *aparelho*, por sua vez, é definido como o conjunto de formas da língua empregado pelo falante na articulação do ato enunciativo. É por meio da apropriação desse aparelho de formas que o falante põe a língua em funcionamento na enunciação: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1970: 82).

Esse processo de apropriação pode ser estudado sobretudo a partir de três aspectos: (i) a realização vocal da língua - um estudo que poderia ser feito a partir da classificação de diferentes sons (falas) presentes na enunciação para se “obter uma imagem média de sons, distintos ou ligados” (1970: 82); (ii) a

⁴A busca pela apreensão do sentido e pelo processo de significação nas línguas percorre todo o trabalho de Benveniste. Em sua última aula no *Collège de France*, diz: “Na realidade, o problema do sentido é o problema da própria língua, e, como a língua aparece para mim como uma paisagem que se move (ela é o lugar de transformações) e como se compõe de elementos diferentes (verbos, nomes etc.), o sentido se resume a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão. O estudo de conjunto seria a semiologia” (BENVENISTE, 2014: 194).

definição da enunciação no quadro formal de sua realização - o estudo no interior da própria língua dos aspectos formais da enunciação a partir de manifestações individuais e que leva em conta a questão de índices de pessoa (e relação *eu-tu*) que se produz na enunciação; e (iii) o estudo dos paradigmas de formas temporais (organização dos verbos em tempo, modo, aspecto) que são determinadas a partir do *eu*, centro da enunciação - a noção de que a temporalidade é construída na enunciação a partir do enunciador que atualiza a língua em um ato enunciativo no presente, a partir do qual se estabelecem as noções de tempo passado e futuro -, além do estudo de outras formas lexicais e sintáticas (como a interrogação, por exemplo) que são utilizadas pelo enunciador para influenciar, de alguma maneira, o comportamento de seu alocutário.

Dessa forma, embora não tenha dado destaque às categorias de *tempo* e *espaço* por focalizar a *pessoa* – meu ponto de aproximação com Ducrot -, Benveniste nos deixa uma teoria que dá conta de explicar de que maneira as línguas produzem sentido:

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

Benveniste (1970: 84)

Passo agora a uma síntese do percurso de Oswald Ducrot na construção de sua teoria.

2. O PERCURSO DE DUCROT NA CONSTRUÇÃO DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Para Ducrot, a argumentação é intrínseca à linguagem humana e todos os enunciados são argumentativos, de forma que “falar é construir e tratar de impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade” (1987: 14). Antes de chegar a essa formulação teórica, Ducrot percorre uma reflexão tendo em conta que o estudo da semiótica deveria incluir a semântica⁵. Dessa forma, tal como faz Benveniste, também utiliza como

⁵É interessante observar que Benveniste assinalava a necessidade de uma ciência que levasse em conta o estudo dos signos do plano da significação. Ducrot (1987: 66), partindo desse pressuposto, diz que “a semiótica (entendida, no sentido de Benveniste, como um estudo dos sistemas de signos) não pode constituir-se sem incluir a semântica (estudo dos empregos dos signos)”.

signo⁶ a frase e toma o enunciado como unidade de análise.

De acordo com a perspectiva de Ducrot (1987), o enunciado é a realização particular de cada frase, isto é, o ato enunciativo contempla um locutor (*eu*) e um interlocutor (*tu*) que interagem em uma situação inédita, localizada em momento histórico - daí seu valor de situação particular. Nesse momento, o linguista opõe *frase* a *enunciado*, bem como *significação* a *sentido*: a frase é uma unidade abstrata, idêntica em suas diversas ocorrências possíveis; o enunciado é a ocorrência particular de determinada frase, cujo significado se produz nas possibilidades de relação com outros enunciados, que são segmentos de discurso. A frase pertence ao domínio da significação e, o enunciado, ao do sentido.

Ducrot (1987) assinala a necessidade de se atribuir significação nas diversas situações em que o enunciado é utilizado. Para tanto, considera que a manifestação da enunciação ocorre em dois planos: o do *componente linguístico* e do *componente retórico*.

O componente linguístico diz respeito aos fatos da língua, ou seja, sua organização interna - sintática e semântica - e suas regras de uso; o componente retórico, trata das circunstâncias de uso da língua - de sua pragmática, portanto. Vejamos essa construção teórica nas palavras de Ducrot:

Um primeiro componente, isto é, um conjunto de conhecimentos (descrição semântica linguística de L ou, abreviadamente, componente linguístico) atribuiria a cada enunciado, independentemente de qualquer contexto, uma certa significação. Exemplificando: a A corresponde a significação A'. Caberia ao segundo componente (o componente retórico), considerando a significação de A' ligada a A e as suas circunstâncias X nas quais A é produzido, prever a significação efetiva de A na situação X.

Ducrot (1987: 15)

⁶ Por conta desse procedimento de análise, considera-se que Ducrot também parte do estruturalismo saussuriano, pois trata da noção de valor estabelecido na relação do signo (a frase) com outras unidades (outras frases). Ainda à época da publicação de *Qu'est-ce que le structuralisme? Le structuralisme en linguistique*, Ducrot (1975: 18) dizia: "En el nivel del enunciado volvemos a encontrar una organización igual. En lugar de estar sencillamente yuxtapuestos, los elementos de la frase están reunidos en grupos de palabras reunidos a su vez en preposiciones que finalmente se combinan para componer la frase".

A partir dessa separação em dois componentes, Ducrot observou que era possível atribuir ao componente linguístico determinadas posturas sistemáticas para combinar efeitos de acordo com relações previsíveis: “tratar-se-á de distinguir dois tipos de efeitos de sentido e de mostrar que é interessante descrever um deles a partir do componente linguístico, enquanto o outro exige a intervenção do componente retórico” (1987: 17). Dessa atribuição sistemática, tem-se o conceito de *pressuposto*⁷ e *subentendido*.

Um critério que permite a classificação do pressuposto deriva de seu comportamento quando submetido a determinadas modificações sintáticas como negação e interrogação. Para exemplificar, utilizarei exemplos do próprio autor com a frase (i) Jacques continua fumando. Se modificamos essa frase - seguindo os critérios de negação e interrogação - temos que (ii) É falso que Jacques continua fumando, ou (iii) Será que Jacques continua fumando? Podemos observar que tanto (ii) como (iii), mantém o pressuposto de (i): Jacques fumava antigamente.

Estabelecer uma relação com a sintaxe é mais difícil para o subentendido, pois esse pertence ao componente retórico da língua, resultando “de uma reflexão do destinatário sobre as circunstâncias de enunciação da mensagem” (DUCROT, 1987: 25). O processo de produção de um subentendido leva em conta as condições de ocorrência do enunciado. É necessário resgatar a importância da noção de enunciado em Ducrot para que se possa compreender as distinções que o linguista faz entre os componentes linguístico e retórico da língua, pois o primeiro diz respeito à frase e, o segundo, ao enunciado.

Dando continuidade à construção de sua teoria, em *Polifonía y argumentación* (1988), Ducrot passa a incluir na enunciação a noção de *polifonia*. Afirma que é possível distinguir nos enunciados diferentes enunciadore, a saber: (i) o sujeito empírico - que é o autor do enunciado efetivamente; (ii) o locutor (L) - que é a quem se designa a responsabilidade do enunciado e se atribui a marca de primeira pessoa; e (iii) os enunciadore (E) - que são os diferentes pontos de vista convocados e articulados pelo locutor do enunciado. Para articular polifonia com a formulação sobre a pressuposição, ao definir que (L) é responsável pelo enunciado e (E) pelos diferentes pontos de vistas representados, Ducrot afirma que o conteúdo posto em um enunciado pertence a (L); por sua vez, o conteúdo pressuposto pertence a (E), algo que

⁷ A partir dessa noção de pressuposição, pode-se afirmar, conforme Guimarães (2015), que Ducrot inaugura uma *semântica da enunciação*.

funcionaria como uma voz coletiva na produção dos enunciados e onde se buscariam sentidos, diante dos quais (L) se posicionaria.

Olimpio (2010) percorre a construção da teoria de argumentação na língua de Ducrot e observa que o linguista, em uma etapa seguinte à da inclusão da polifonia, verifica a necessidade de se explicar a possibilidade de diferentes conclusões de um enunciado. Nesse momento, juntamente com Anscombre, Ducrot busca em Aristóteles a noção de *topos*. Conforme apresentei, ao refletir sobre os fatores internos à própria língua como sendo os responsáveis pela argumentação, Ducrot afasta-se de uma concepção de argumentação retórica - cujo propósito é a persuasão e o convencimento por meio de recursos retóricos - e defende uma concepção de argumentação calcada no próprio semanticismo da língua. Entretanto, o linguista verificou que as possibilidades de argumentação não dependeriam somente de enunciados argumentativos e conclusivos, mas também dos princípios que os colocariam em ação: o *topos*. Tal princípio seria responsável por trazer em sua carga semântica valores e crenças que também conduziram a uma conclusão⁸.

Ducrot observa, porém, que essa noção de *topos*, introduzida em sua teoria, se distanciava do propósito inicial de enxergar dentro da estrutura da própria língua mecanismos argumentativos. Passa, então, a trabalhar com o conceito de *blocos semânticos* - fase atual de sua teoria -, que levam à compreensão de que os sentidos são produzidos na relação que ocorre entre encadeamentos: “*La idea central de la teoría es que el sentido mismo de una expresión está dado por los discursos argumentativos que pueden encadenarse a partir de esa expresión*” (DUCROT, 2005: 13).

Nessa fase, Ducrot considera que o sentido de uma entidade linguística é construído pelos encadeamentos que essa evoca, o que o leva a pensar as relações de sentido como um conjunto de conclusões possíveis. Resumidamente, temos que argumentar é encadear no discurso, por meio de uma interdependência semântica, em *donc* (portanto) ou *pourtant* (no entanto), os diferentes blocos semânticos. Vale ressaltar que por blocos semânticos compreende-se enunciados que podem ser frases, textos, parágrafos etc. Aos blocos encadeados⁹ por *donc*, Ducrot os denomina *normativos*; aos encadeados por *pourtant*,

⁸ *Ele estudou pouco, vai se sair mal na prova.* Seria o *topos* - esse sistema de crenças e valores compartilhados por uma comunidade - o responsável pelo encadeamento citado e pela direção argumentativa do enunciado: sabe-se e compartilha-se do fato que estudar pouco conduz a um mau rendimento em avaliações (OLIMPIO, 2010).

⁹ Grosso modo, um bloco semântico possui quatro aspectos que são relacionados aos

transgressivos, o que significa que os encadeamentos que se dão no discurso ocorrem por concordância ou negação dos argumentos que são encadeados. Além disso, a noção de polifonia, introduzida anteriormente em sua teoria é retomada pelo linguista, que agora a relaciona com os diferentes pontos de vista presentes e derivados dos encadeamentos, isto é, cada encadeamento representa um enunciador (E), acionado pelo locutor (L) do discurso.

Mais recentemente, ao observar que determinado encadeamento é dado pelo argumento que lhe introduz e que constitui o valor semântico do argumento, Ducrot (2009) volta-se para o próprio léxico da língua, tratando de observar a gradualidade constitutiva das palavras, e radicaliza ainda mais sua teoria:

Assim, procuramos atualmente descrever a maior parte possível do léxico francês, caracterizando cada palavra por uma paráfrase que tem a forma de um encadeamento discursivo em portanto ou em no entanto. [...] Assim, para nós, há encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados com os quais o discurso é feito. Nessas condições, toda palavra, tenha ela ou não alcance persuasivo, faz necessariamente alusão a argumentações.

Ducrot (2009: 23)

É possível observar, pela rápida alusão feita à teoria, que Ducrot, apesar de modificar, introduzir, alterar e retomar conceitos, mantém-se fiel a seu projeto - ancorado na abordagem estruturalista - no qual a busca pelo sentido na língua deve se dar na relação que ela mantém com outras unidades de análise presentes e dentro dela própria - daí sua denominação *teoria da argumentação na língua*.

3. O SUJEITO E O ENUNCIADO EM DIFERENTES PLANOS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE BENVENISTE E DUCROT

Uma aproximação possível - e um tanto óbvia - entre Benveniste e Ducrot, diz respeito ao fato de que ambos os linguistas partem do estruturalismo

encadeamentos, a saber: sendo A argumento, C conclusão, DC portanto e PT no entanto, A DC C; A PT neg-C; neg-A PT C; e neg-A DC neg-C. Estudou portanto fez boa prova (A DC C). Estudou, no entanto não fez boa prova (A PT neg-C). Não estudou, no entanto, fez boa prova (neg-A PT C). Não estudou, portanto não fez boa prova (neg-A DC neg-C) (OLIMPIO, 2010).

saussuriano para recortar seus objetos de análise e operam com a noção de signo e valor nas diferentes relações dentro de um sistema. Mais que isso, conforme observou Barbisan (2006), ambos focalizam o sujeito em seus recortes: para Benveniste, o sujeito é o elemento central do enunciado, que se apropria do aparelho formal da língua e marca sua posição no discurso ao enunciar *eu* e instaurar o *tu*; para Ducrot, o sujeito também é elemento central, mas surge na figura de um locutor que aciona diferentes enunciadores em seu discurso para tratar de persuadir um interlocutor.

D'Ávila (2004) também observa um tratamento dado ao sujeito da enunciação semelhante em ambos os linguistas, pois Benveniste estuda as marcas do enunciador deixadas no enunciado e não o sujeito em si; Ducrot investiga as representações deixadas pelo locutor no enunciado e, por encorajar-se também ao conceito de polifonia, permite que se atribua à enunciação mais de um sujeito. Ainda que o foco de seus recortes não seja o sujeito, os dois linguistas tratam-no como elemento central, ainda que o entendam de formas divergentes.

A aproximação que proponho diz respeito ao plano de ação do sujeito no enunciado. Para Benveniste, a enunciação se dá em dois níveis: o *nível semiótico* e o *nível semântico*. O primeiro diz respeito à forma, às relações linguísticas que se estabelecem no plano da sintaxe (do paradigma de combinações possíveis no enunciado, por exemplo); o segundo, diz respeito ao sentido, à compreensão do enunciado pelos diferentes interlocutores do discurso. Ducrot, para analisar as relações argumentativas que se dão dentro da própria estrutura da língua, também a divide em dois planos, aos quais nomeia *componente linguístico* e *componente retórico*. Aquele é o responsável pela significação do enunciado excluído de qualquer contexto, ou seja, a significação no interior da própria sintaxe e da semântica da língua; esse é o responsável por aquilo que é necessário apreender das relações sociais, culturais etc. que existem fora do interior da própria língua - a pragmática da língua.

Assentados nessas distinções, ambos elaboram suas teorias: Ducrot, buscando enxergar e descrever no interior da própria língua (do *componente linguístico*) as relações de sentido que se produzem para persuadir e argumentar; Benveniste, procurando a partir de categorias que se estabelecem no *nível semiótico* (pessoa, tempo e espaço), analisá-las no *nível semântico* para descrever, por exemplo, o papel dos enunciadores na apropriação do aparelho formal de enunciação da língua (*eu* e *tu* instaurados no discurso histórico e localizado em determinado momento).

Ainda que não seja foco dessa aproximação, parece-me relevante destacar que, com relação ao sujeito da enunciação, ambos os linguistas consideram a terceira pessoa *ele* uma *não pessoa*. Benveniste, por conceber como sujeito as pessoas *eu* e *tu* na relação de transcendência e alternância com que operam no enunciado, afirma que a terceira pessoa *ele*, por estar fora da alocação, não é considerada como pessoa pelo viés discursivo: “existe e só se caracteriza por oposição à pessoa eu do locutor que, enunciando-a, a situa como ‘não pessoa’” (1958: 292). Ducrot, por refletir sobre o enunciado em sua função de argumentar no discurso, concebe uma terceira pessoa que existe na interlocução *eu-tu* com função de auxiliar no convencimento:

pense, além disso, que há sempre uma terceira pessoa nos diálogos, até mesmo quando, materialmente, só há duas; essa terceira pessoa é uma espécie de super ego abstrato, que os interlocutores tomam como árbitro ideal, personagem que encontramos sem cessar, e que é necessário, a todo custo, cativar.”

Ducrot (2009: 24)

Finalmente, é possível destacar que, apesar de distintas, as teorias de Benveniste e de Ducrot se assemelham ainda por tratar de verificar categorias linguísticas inscritas no contexto de uso da linguagem, focalizando o sujeito produtor de sentido na língua e suas relações com esse uso de linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho busquei aproximar duas teorias enunciativas, a *teoria da enunciação* propriamente dita, de Émile Benveniste, e a *teoria da argumentação na língua*, de Oswald Ducrot. Percorri, para tanto e de forma breve, o percurso traçado pelos linguistas na construção de suas teorias e destaquei que ambas se ancoram na abordagem estruturalista de concepção de língua, segundo a qual o estudo de uma língua deve se dar por meio da análise de um recorte de estrutura e suas relações com outras estruturas dentro do sistema. Tal recorte para ambos os linguistas é o enunciado e sua realização concreta na língua, isto é, enunciado por um *eu* em uma situação inédita e situada em um tempo específico - o momento da enunciação.

Apesar de Benveniste e Ducrot determinarem o enunciado como categoria de análise, seus propósitos de estudo são diferentes: Benveniste procura dar conta de descrever as marcas deixadas pelo sujeito ao se apropriar do aparelho formal de enunciação e colocar a língua em uso por meio da expressão de sua subjetividade; Ducrot, ao tratar do sujeito, não se ocupa em

descrever suas marcas, mas verifica como o locutor aciona diferentes enunciadores em seu discurso para persuadir e convencer seu interlocutor.

Aproximei, dessa forma, os planos em que se dão as ações dos sujeitos nas diferentes teorias. Verifiquei que ambas se aproximam ao separar a língua em dois níveis de análise: Benveniste a separa no que denomina *nível semiótico* e *nível semântico*; Ducrot a separa nos planos, aos quais denomina *componente linguístico* e *componente retórico*.

Por tratar de teorias que focalizam a língua em uso, certamente a relação aqui proposta não se esgota na aproximação da classificação dos planos de análise, o que convida a produção de futuros trabalhos que analisem as diferentes formas de ação dos sujeitos nesses dois planos de descrição linguística.

Referências

BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Letras*. Santa Maria, v. 33, p. 23-35, 2006.

BENVENISTE, É. [1966]. A forma e o sentido na linguagem. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes: 1989, p. 220-242.

BENVENISTE, É. [1965]. A linguagem e a experiência humana. In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes: 1989, p. 68-80.

BENVENISTE, É. [1958]. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes: 1991, p.241-293.

BENVENISTE, É. [1970]. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes: 1989, p. 81-90.

BENVENISTE, É. [1964]. Os níveis da análise linguística. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes: 1991, p. 127-140.

BENVENISTE, É. [1969]. Semiologia da língua. In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes: 1989, p. 43-67.

BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CAMPOS, C. M. O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua. *Revista da ABRALIN*, v. 6, n. 2, 2007, p. 139-169.

CARREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.

D'ÁVILA, N. A enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 39, n. 4, 2004, p. 151-162.

DUCROT, O. Argumentação linguística e argumentação retórica. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 44, n. 1, 2009, p. 20-25.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, O. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, O. *¿Qué es el estructuralismo? El estructuralismo en lingüística*. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A., 1975.

GUIMARÃES, E. R. J. Aquele que diz o que não diz. Uma bibliografia de Oswald Ducrot. *Entremeios: revista de estudos do discurso*. UNIVAS, v. 11, 2015, p. 167-178.

OLIMPIO, H. O percurso teórico de Oswald Ducrot na defesa de uma argumentação linguística. *Revista (Con) Textos Linguísticos*. Vitória, v. 4, n. 4, 2010, p. 37-50.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2017.

Submetido em: 11/01/2021

Aceito: 03/02/2021